PRECISAMOS REALMENTE DE UM HORIZONTE PARA QUE AS PESSOAS SE SINTAM ESTIMULADAS A INVESTIR

ANTONIO CHAVAGLIA

PRESIDENTE DA COMIGO E DO SICOOB CREDI-RURAL

POR PAULO ROQUE

Chavaglia é agropecuarista, sócio fundador da Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (COMIGO) e do Sicoob Credi-Rural, cooperativas que preside atualmente. Foi presidente do Sistema Organização das Cooperativas Brasileiras em Goiás (OCB-GO) por dezessete anos. É conselheiro do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo em Goiás (Sescoop-GO). Em 2003, foi o líder cooperativista mais votado do Brasil, pelo jornal Gazeta Mercantil, de São Paulo.



AGROANALYSIS: O CLIMA ADVERSO E A DOENÇA DA FERRUGEM TÊM AFETADO A PRODUÇÃO DA SOJA GOIANA. COMO ESTÁ O BOLSO DO PRODUTOR E DA COOPERATIVA?

ANTONIO CHAVAGLIA: A ferrugem asiática atingiu apenas algumas regiões do estado, e os agricultores estão bastante conscientes no que diz respeito ao seu controle. Mas, preocupa-nos, também, a mosca branca, que, apesar de ainda não ser de grande relevância, atacou em algumas regiões goianas, onde a maioria dos produtores conseguiu produzir até que razoavelmente bem. A questão da mosca branca, de alguns anos para cá, oferece riscos, porque não temos produtos eficientes ainda. É um problema que ainda vai persistir, e precisamos estar muito atentos a isso. Recomendamos ao produtor a necessidade de um bom acompanhamento e à indústria, a produção de um produto preventivo.

> “A QUESTÃO DA MOSCA BRANCA, DE ALGUNS ANOS PARA CÁ, OFERECE RISCOS, PORQUE NÃO TEMOS PRODUTOS EFICIENTES AINDA.”

A TECNOSHOW COMIGO 2016 TEVE UM RESULTADO POSITIVO. ESSE É UM FATO POSITIVO QUANDO COMPARADO COM O DESEMPENHO DE OUTRAS FEIRAS?

AC: A TECNOSHOW realmente nos surpreendeu neste ano. Os bancos e as instituições financeiras estavam presentes, oferecendo crédito com rapidez e eficiência muito maior do que aconteceu no ano passado. O produtor animou-se em fazer um investimento necessário para melhorar a sua eficiência, tanto no plantio, quanto na colheita e, também, na condução do combate com inseticidas e herbicidas com pulverizadores melhores. O movimento total da feira foi em torno de R$ 1,3 bilhão.

SOBRA MILHO NA REGIÃO CENTRO-OESTE E FALTA NO SUL. COMO RESOLVER ESTA EQUAÇÃO?

AC: Essa questão é meio complexa. Devido a algumas empresas não terem condição de comprar o milho durante o ano todo, até chegar a outra safra, o milho acaba sendo exportado. Então, as empresas precisam encontrar um meio junto ao Governo para conseguirem crédito para estocar o ano inteiro, e isso, às vezes, é difícil, mas a cadeia precisa funcionar: suinocultura, avicultura, bovinocultura de carne e leite. Tudo isso é muito complexo, o que acaba gerando um “descasamento” e um prejuízo para os produtores, nesta ordem, pois muitos não estão acompanhando os preços de acordo com o mercado. Já quanto a esses problemas, como o da quebra de safra deste ano, é preciso que as pessoas estejam mais atentas ainda em procurar, no início da safra, comprar milho para atravessar o ano. Às vezes, é difícil ter capital para isso, mas, no Sul do País, eles estão exportando muito; então, alguns têm que pegar milho no Mato Grosso do Sul e no Mato Grosso para poderem passar o ano. Não há como ser diferente.

O mercado é muito dinâmico. No passado, era diferente. Então, temos aí uma situação que não é fácil resolver. A questão financeira das empresas e o crédito para poder estocar durante o ano todo são necessidades. Algumas empresas já fazem isso para ficarem mais tranquilas. O preço ficará maior um pouco, mas, se não se estocar, pode ficar pior ainda. Essas empresas que necessitam de milho precisam ficar muito atentas. Neste ano, porém, o produtor vai ficar mais descapitalizado, por causa da queda de produção: apesar de ele ter vendido grande parte da safra a preço de exportação – R$ 24 a R$ 25 –, hoje o preço está a R$ 40. Mas, os compromissos têm que ser cumpridos; então, vai sobrar muito pouco para ser comercializado no mercado interno.

O PRÉ-CUSTEIO DESTE ANO, IMPORTANTE PARA A COMPRA ANTECIPADA DE INSUMOS, PODE SINALIZAR ALGUMA TENDÊNCIA PARA A SAFRA 2016/17?

AC: Alguns produtores que tiveram condições de pegar esse crédito – pois nem todos tiveram – compraram insumos. Mas, há muita gente ainda para comprar. É necessário continuar liberando crédito para estas pessoas poderem fazer a safra 2016/17; inclusive, os custos aumentaram, e elas vão precisar de mais crédito ainda do que precisaram no ano passado. Creio que 50% dos produtores já compraram, e ainda há 50% para comprar, que dependem da safrinha, da liquidação do custeio do milho, para que se possam liberar garantias que lhes permitam fazer a outra safra da soja.

COM A QUEDA DO DÓLAR, O RISCO PARA O SOJICULTOR AUMENTOU?

AC: Com a desvalorização do dólar, nós tivemos uma valorização dele na Bolsa de Chicago: estava 8,50 o *bushel* e, hoje, está a 10,50. Uma coisa compensou a outra. Então, ainda se está gerando uma margem para quem conseguir comprar os insumos nos preços que estão e, assim, o produtor poder fazer os financiamentos e suas adequações.

COMO FOI O FLUXO DA COMERCIALIZAÇÃO DA SAFRA 2015/16 TOMANDO COMO FOCO O MILHO E A SOJA?

AC: A soja, em primeiro lugar, teve uma comercialização razoável. A produtividade melhorou, e algumas regiões do estado, com raras exceções, tiveram dificuldades com o clima. Agora, no caso do milho, com essa queda de produção de 35%, 40%, que a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) está colocando, vai sobrar muito pouco milho para ser comercializado, porque grande parte já foi comercializada. A questão do milho pode ficar muito trágica ainda, porque nós não sabemos o quanto se vai produzir, pois é preciso chuva. Se a indústria não comprar agora na safrinha até passar o ano, não terá como importar. Tem que se estocar o milho da safrinha;

> “TEM QUE SE ESTOCAR O MILHO DA SAFRINHA; É A ÚNICA MANEIRA DE PASSAR O ANO COM O PREÇO MAIS OU MENOS EQUILIBRADO.”

> “ESTÁ DIFÍCIL FAZER ARMAZÉM HOJE EM DIA, PORQUE DOBRARAM OS JUROS, E ISSO DIFICULTA...”

é a única maneira de passar o ano com o preço mais ou menos equilibrado.

AS CONDIÇÕES DE MELHORIAS NA ARMAZENAGEM E NO TRANSPORTE PODEM ESTIMULAR O AUMENTO DA PRODUÇÃO DE GOIÁS?

AC: A questão da armazenagem também é complexa. De dois anos para cá, parou de existir construção de armazém, as empresas não têm investido nada. Entretanto, a COMIGO, nos últimos seis anos, quase dobrou a capacidade de armazenamento, e isso contribuiu bastante para uma melhora, mas ainda temos problemas. Sobre transporte, ele é complexo na época da safra, porque não há armazém para colocar toda a soja. Nessa hora, muita soja tem que sair durante a colheita, e o frete vai lá para cima, o que tira a renda do produtor. Se melhorarem essas condições de logística e outras coisas, sobrará mais para o produtor. Com menos armazém e menos transporte, tira-se a renda do produtor e o custo se eleva.

Goiás é carente em armazéns. A soja o produtor acomoda mais ou menos, mas, na hora que vem o milho da safrinha, não há armazém para atender a demanda. Neste ano, pode até haver como armazenar, devido à queda de produção. Mas, há muita gente colocando em “silobag”, correndo um certo risco, para poder acomodar. Está difícil fazer armazém hoje em dia, porque dobraram os

> “É IMPORTANTE QUE ESSE NOVO GOVERNO CONSIGA ARRECADAR MAIS DO QUE GASTA, POIS, AÍ SIM, TRANSMITIRÁ CONFIANÇA.”



juros, e isso dificulta, pois não há viabilidade econômica e as empresas não querem correr o risco de bancar isso hoje.

NOS ÚLTIMOS ANOS, A COMIGO INVESTIU R$ 213,5 MILHÕES. EM 2015, ADIOU UM INVESTIMENTO DE R$ 83 MILHÕES. ESTA DECISÃO AINDA ESTÁ MANTIDA?

AC: Não. Devemos investir metade disto na área de produção de sementes de soja e remodernizar alguns armazéns. Devemos investir em torno de R$ 40 milhões destes R$ 83 milhões, investimentos esses que, aliás, já estão em andamento. É fundamental que nós pensemos lá na frente, pois haverá necessidade de mais armazéns, e é preciso de longo prazo para pagar e dinheiro subsidiado; se não, ninguém vai fazer armazém com esses juros de 8%, 10%.

COM O NOVO GOVERNO, AINDA QUE TRANSITÓRIO, MAIS O ANÚNCIO DO PLANO SAFRA 2016/17, AS PERSPECTIVAS EMPRESARIAIS PODEM SER REANIMADAS?

AC: Esperamos que sim, que se tenha um horizonte de controle das contas públicas, que volte a credibilidade de empresários internos e externos, para que possa haver investimento no País. Mas, precisamos realmente de um horizonte para que as pessoas se sintam estimuladas a investir, como, por exemplo, fazendo aberturas de novas áreas. E isso é muito complicado, pois há um custo muito alto. O investimento é grande, tendo que haver uma carência de três anos. Durante estes três anos, pagam-se os custos, e é no quarto que começam a haver resultados. Isso é o que esperamos para poder voltar a gerar emprego e renda.

Torcemos. O produtor é otimista, pois, ao chegar a hora de plantar, ele quer plantar, e, ao chegar a hora de colher, ele quer colher, mas quer um horizonte mais a longo prazo, pois, se não, a coisa fica difícil para se tomar uma decisão. É importante que esse novo governo consiga arrecadar mais do que gasta, pois, aí sim, transmitirá confiança. ■